

Os encontros de Aimberê e Anchieta: tecitudes entre o auto “Na festa de São Lourenço” e o quadro “O Último Tamoio”.

Luisa Tombini Wittmann¹, Tamires Tavares Pacheco², Felipe Uba³, Luiza Tonon da Silva⁴.

Palavras-chave: José de Anchieta; Arte Missionária; Romantismo Indianista;

O presente trabalho visa estabelecer um diálogo entre a obra de José de Anchieta, o auto “Na festa de São Lourenço” (1586), e o quadro de Rodolfo Amoedo, “O último Tamoio” (1883). Busca-se analisar nestas fontes os momentos onde os fios da trama histórica se cruzam, onde os personagens de Anchieta e o indígena Aimberê se encontram, primeiro no período colonial e posteriormente durante o Império brasileiro. Os propósitos dos dois autores eram diferentes: Anchieta tinha como intuito converter e catequizar os gentios da América Portuguesa, enquanto Amoedo estava embebido das heroicas histórias do romantismo indigenista oitocentista. O ponto em comum dessa trama, porém, é Aimberê, o cacique tamoio que lutou contra os portugueses na Confederação dos Tamoios. No século XVI, ele é narrado pela pena de Anchieta como um dos demônios que personificam os pecados indígenas da poligamia e da antropofagia, enquanto que no XIX ele é pintado por Amoedo como um símbolo da Nação brasileira, que morre nos braços do herói Anchieta. As coincidências (ou não) dessas tramas são frutos de um processo histórico, com rupturas e permanências, onde o século XVI acaba por ressoar no XIX.

¹ Orientador, Professor do Departamento de História da FAED-UDESC – luwittmann@gmail.com

² Acadêmico(a) do Curso de História FAED-UDESC, bolsista de iniciação científica PROBIC/UDESC.

³ Acadêmico do Curso de História – FAED-UDESC

⁴ Acadêmica do Curso de História – FAED-UDESC